



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO A DISTÂNCIA
ESPECIALIZAÇÃO *LATO-SENSU* EM GESTÃO EDUCACIONAL**

**Um estudo de caso da gestão educacional das
relações pedagógicas**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

Joana Dias de Souza

**Palmas
2010**

Um estudo de caso da gestão educacional das relações pedagógicas

por
Joana Dias de Souza

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação a Distância Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de
Especialista em Gestão Educacional

Orientadora: Prof^a Dr^a Marta Roseli de Aseredo Barichello

Palmas - Tocantins

2010

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Monografia de Especialização

**Um estudo de caso da gestão educacional das relações
pedagógicas**

elaborada por
Joana Dias de Souza

como requisito parcial para obtenção do título de
Especialista em Gestão Educacional

COMISSÃO EXAMINADORA:

Dr^a Marta Roseli de Aseredo Barichello
(Presidente/Orientadora)

Dr^a Helena Maria Mallman
(UFSM)

Dr. Claudemir de Quadros
(UFSM)

Palmas, 10 de dezembro de 2010.

RESUMO

Monografia de Especialização
Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional
Universidade Federal de Santa Maria

UM ESTUDO DE CASO DA GESTÃO EDUCACIONAL DAS RELAÇÕES PEDAGÓGICAS

AUTORA: Joana Dias de Souza
ORIENTADORA: Dr^a.Marta Roseli de Aseredo Barichello
Palmas-TO, 10 de dezembro de 2010.

O objetivo deste trabalho é identificar e refletir os fatores que dificultam o relacionamento entre professor e aluno e o como uma boa gestão nas relações pedagógicas contribui para o processo de ensino aprendizagem, através da identificação de pontos relevantes, nas concepções, que possam estimular professor e aluno para uma convivência de afetividade no processo educativo levando-os a uma educação de qualidade por meio de intervenções do gestor escolar. No processo metodológico adotou-se uma pesquisa qualitativa. A pesquisa foi realizada em uma escola estadual de Palmas, dentro de uma metodologia de abordagem qualitativa e os instrumentos metodológicos utilizados foram entrevistas semi-estruturadas. Pretende-se com este estudo contribuir para que os principais agentes educativos (professores/alunos) despertem o interesse em melhorar as relações pedagógicas para uma gestão de qualidade.

Palavras-chave: Ensino aprendizagem, Relações pedagógicas e gestor escolar

ABSTRACT

Monografia de Especialização
Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional
Universidade Federal de Santa Maria

A CASE STUDY OF THE MANAGEMENT OF FOREIGN EDUCATIONAL TEACHING

AUTORA: Joana Dias de Souza
ORIENTADORA: Marta Roseli de Aseredo Barichello
Palmas, TO, 10 de dezembro de 2010.

The objective is to identify and reflect the factors that complicate the relationship between teacher and student and as a sound pedagogical relations contributes to the teaching and learning process through the identification of relevant points, in the concepts, which encourage teachers and students for a coexistence of affection in the educational process leading them to a quality education through interventions of the school manager. In the methodology adopted was a qualitative research. The survey was conducted in a public school in Palmas, within a qualitative methodological approach and the methodological tools used were semi-structured interviews. The aim of this study was to contribute to the main educational agents (teachers / students), sparking interest in improving relations to an educational quality management.

Keywords: Higher learning, teaching and school manager Relations

SUMÁRIO

1. Introdução	07
1.A prática pedagógica mediada pelas relações pedagógicas	10
1.1. O professor e sua prática.....	10
1.2. O processo de interação e de mediação na relação professor e aluno.....	12
1.3. A afetividade nas relações pedagógicas.....	13
1.4. Ensino e aprendizagem: Como entender esse processo?.....	15
2. Gestão Educacional	20
2.1. Da sala de aula.....	20
2.2. Da coordenação pedagógica em relação ao trabalho do professor na sala de aula.....	22
2.3. O processo de interação e de mediação do gestor escolar.....	24
3. Uma análise da gestão das relações pedagógicas desenvolvidas no campo empírico	27
4. Considerações Finais	38
5.Referências Bibliográficas	41
6.Anexo	43

Introdução

Os alunos do Centro de Ensino Tiradentes em Palmas apresentam dificuldades em sua aprendizagem, muitas vezes quando começam a apresentar desinteresse, desatenção, irresponsabilidade, agressividade, distração, falta de concentração e atenção, falta de compreensão de ordens verbais, demora para copiar do quadro, não consegue terminar as tarefas escolares, parece dominar a matéria, mas não consegue aplicar quando solicitado, não consegue expressar suas idéias oralmente ou por escrito, lê sem ritmo, sem pontuação, seus cadernos são sujos e/ou rasgados, letra quase ilegível e números espalhados, apresenta omissão/inversão ou troca de letras na escrita, é agitado, ansioso e apresenta problemas de comportamento, não fica quieto e atrapalha os colegas.

Tratar das dificuldades de aprendizagem é complexo, seja por uma questão de vontade do aluno ou do professor, pois vários fatores podem interferir na vida escolar, tais como os problemas de relacionamento professor e aluno, as questões de metodologia de ensino e os conteúdos escolares.

Pode-se perceber que é sempre imprescindível rever alguns aspectos sociais, econômicos e culturais da realidade atual da escola, no sentido de propiciar condições favoráveis, que possibilitem o interesse de professores e alunos, para que constantemente pensem e atuem sobre essa realidade. Só dessa forma poderão conquistar o reconhecimento e a valorização de suas ações, por parte de toda a comunidade escolar.

Ao se fazer uma análise do atual contexto escolar, em que estes alunos estão inseridos, nota-se que ainda são muito perceptíveis no cotidiano da escola, as reclamações e insatisfações por parte dos professores em relação aos alunos e vice-versa. Ou seja, o relacionamento do professor e aluno parece ser permeada por animosidades ou conflitos. Todas essas questões indicam que existem problemas nas relações pedagógicas que são estabelecidas no contexto escolar que ultrapassam esta relação, mas que para ela convergem. A escola é um local que se estrutura em torno de relações interpessoais que devem ser conduzidas para um processo pedagógico assim essas relações devem ser coordenadas e organizadas de tal forma que o processo educacional seja instaurado. Entretanto o que se

percebe é que não existe uma preocupação com a gestão das relações pedagógicas que são estabelecidas no contexto escolar.

As relações pedagógicas tem sido uma das principais preocupações do contexto escolar. Nas práticas educativas, o que se observa é que, por não se dar a devida atenção à temática em questão, muitas ações desenvolvidas no ambiente escolar acabam por fracassar. Daí a importância de estabelecer uma reflexão aprofundada sobre esse assunto, considerando a relevância de todos os aspectos que caracterizam a escola.

Tendo em vista a problemática aventada acima, o que se pretende com esse estudo é analisar a forma como a gestão das relações pedagógicas é conduzida na escola e como isso se reflete no processo de ensino e aprendizagem instaurado na sala de aula.

As maiores dificuldades que os professores encontram na sala de aula, principalmente no início da sua carreira profissional, é a sua falta de experiência quando entra pela primeira vez numa sala de aula, o que é agravado ambiente, tal como com a falta de acompanhamento por parte dos pais, na resolução das tarefas de casa, tomada da leitura ou qualquer ajuda que o aluno necessitar.

Que fazer para melhorar a situação? A experiência dos professores indica que, para reduzir o risco, um dos itens a melhorar é gerenciar adequadamente a sala de aula.

Com objetivo de desvelar o âmago das relações pedagógicas desenvolvidas na sala de aula, buscou-se fazer uma reflexão acerca desse processo. Especificamente, a intenção foi de identificar os fatores que dificultam o relacionamento entre professor e aluno, compreender como uma boa gestão em sala de aula contribui para o processo de ensino e aprendizagem.

Como metodologia, optou-se pela pesquisa qualitativa, através do estudo de caso, em uma das escolas da rede pública estadual de ensino de Palmas. Para coleta de dados, foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas, sendo os resultados da recolha analisada de forma descritiva e interpretativa.

No primeiro capítulo é apresentada a prática pedagógica, os conceitos do professor reflexivo e a importância da sua formação na busca da pesquisa e no aprimoramento de seus conhecimentos, visando contribuir a melhoria da interação e mediação na relação do professor aluno e o entendimento do processo para o ensino aprendizagem nas relações afetivas.

Sobre a gestão educacional, o capítulo dois enfoca como essas questões se dão em sala de aula, na coordenação pedagógica em relação ao professor e o processo de interação e de mediação do gestor escolar, tendo como objetivo também a melhoria da qualidade na escola, visando contribuir para a gestão educacional.

A partir de uma perspectiva qualitativa da pesquisa, buscou-se investigar e analisar experiência da gestão educacional nas práticas pedagógicas, tendo como foco compreender como se desenvolveu as relações pedagógicas para o processo de ensino e aprendizagem, apresentado no capítulo três, registrado no próprio ambiente de aprendizagem.

Por último, já nas considerações finais, ressalta que as relações pedagógicas no processo ensino aprendizagem nessa proposta, acredita que a escola pode sim, por meio de intervenções, por parte do gestor escolar em motivar e sensibilizar tanto alunos, quanto professores a repensarem suas ações no ambiente escolar, otimizando o processo aprendizagem, objetivando ter uma escola com resultados positivos na aprendizagem, com aumento de rendimento, de satisfação dos alunos e professores e da participação da comunidade

Assim, acredita-se que esse estudo possibilitará maior reflexão sobre a problemática, sistematização de possíveis respostas às indagações latentes sobre a questão em pauta, contribuindo com o processo de ampliação do conhecimento à cerca do objeto de estudo, numa perspectiva de aprendizagem significativa e satisfatória.

1. A prática pedagógica mediada pelas relações pedagógicas

1.1 - O professor e sua prática

As relações humanas, embora complexas, são peças fundamentais na realização pessoal e profissional do ser humano. E dessas relações, muitas são construídas no percurso da vida escolar, com importantes repercussões na formação da criança e do jovem.

Muitos professores que atuam nas escolas não se dão conta da importante dimensão que tem o seu papel na vida dos alunos. Nesse sentido, um dos aspectos que se quer ressaltar neste artigo é a importância da formação do professor e da compreensão que ele deve ter em relação a esse assunto. Pois, não há como acontecer na escola uma educação adequada às necessidades dos alunos sem contar com o comprometimento ativo do professor no processo educativo.

Entretanto, ao aproximar-se de alguns professores, percebe-se que muitos, baseados no senso comum, acreditam que ser professor é apropriar-se de um conteúdo e apresentá-lo aos alunos em sala de aula.

Mudar essa realidade é necessário para que uma nova relação de comprometimento entre professores e alunos comece a existir dentro das escolas. Para tanto, é preciso compreender que a tarefa docente tem um papel social e político insubstituível, e que no momento atual, embora muitos fatores não contribuam para essa compreensão, o professor necessita assumir uma postura crítica em relação a sua atuação recuperando a essência do ser “educador”, ou seja, sua função de resgate e perceber sua importância na sociedade que está inserido.

Para o professor entender o real significado de seu trabalho, é necessário que saiba um pouco mais sobre sua identidade e a história de sua profissão.

Teríamos que conseguir que os outros acreditem no que somos. Um processo social complicado, lento, de desencontros entre o que somos para nós e o que somos para fora [...] Somos a imagem social que foi construída sobre o ofício de mestre, sobre as formas diversas de exercer este ofício. Sabemos pouco sobre a nossa história (ARROIO, 2000, p.29).

Fazendo uma correlação com esse ponto de vista, não se pode deixar de destacar e valorizar os fenômenos histórico-sociais presentes na atividade profissional do professor. Nessa perspectiva, jamais poderá ser compreendido o trabalho individual do professor desvinculado do seu papel social, dessa forma estar-se-ia descaracterizando o sentido e o significado do trabalho docente.

Considerando a emergência de se trabalhar a identidade do professor, percebe-se uma vasta bibliografia sobre a profissão docente, a qual tem apresentado muitas idéias e questionamentos, principalmente sobre a formação dos professores, e, mais especificamente, sobre a formação reflexiva dos professores. No entanto, percebe-se que ainda não existe um consenso quanto ao significado exato do que seja o professor reflexivo, embora haja muitos estudos e pesquisas nessa linha teórica.

O professor reflexivo é o que questiona suas ações, avaliando os resultados para entender os fracassos e os sucessos, sendo ele o elemento que, desde o início da sua formação, inconformado pelo simples fato de não ser possível que tudo aconteça sempre da mesma maneira sem nunca haver alguém capaz de interferir nessa trajetória com o intuito de mudar, transformar, fazer novo, revolucionar e melhorar.

Segundo Pimenta (2002), faz-se necessário compreender com mais profundidade o conceito de professor reflexivo, pois o que parece estar ocorrendo é que o termo tornou-se mais uma expressão da moda, do que uma meta de transformação propriamente dita.

Para Libâneo, é fundamental perguntar: que tipo de reflexão o professor precisa para alterar sua prática, pois para ele

A reflexão sobre a prática não resolve tudo, a experiência refletida não resolve tudo. São necessárias estratégias, procedimentos, modos de fazer, além de uma sólida cultura geral, que ajudam a melhor realizar o trabalho e melhorar a capacidade reflexiva sobre o que e como mudar (LIBÂNEO, 2005, p. 76)

O professor reflexivo, antes de tudo, é um educador e, como educador, persegue objetivos, acredita em sonhos, vence desafios e nunca desiste: tem em si a certeza de que é sua missão formar indivíduos capazes, críticos e autônomos, aptos a escreverem a própria história. E a história de cada um é a história de um

povo, um povo que entende a relação do homem com o mundo e quer transformar essa relação e esse mundo, porque acredita em um mundo melhor.

Assim, se percebe que pensar sobre a formação de professores é conceber que o professor nunca está acabado e que os estudos teóricos e as pesquisas são fundamentais, no sentido de que é por intermédio desses instrumentos que os professores terão condições de analisar criticamente os contextos históricos, sociais, culturais e organizacionais, nos quais ocorrem as atividades docentes, podendo assim intervir nessa realidade e transformá-la.

1.2 O processo de interação e de mediação na relação professor-aluno

Em todo processo de aprendizagem humana, a interação social e a mediação do outro tem fundamental importância. Na escola, pode-se dizer que a interação professor e aluno é imprescindível para que ocorra o sucesso no processo ensino e aprendizagem. Por essa razão, justifica-se a existência de tantos trabalhos e pesquisas na área da educação dentro dessa temática, os quais procuram destacar a interação social e o papel do professor mediador, como requisitos básicos para qualquer prática educativa eficiente.

De acordo com as idéias de Paulo Freire, percebe-se uma vasta demonstração sobre esse tema e uma forte valorização do diálogo como importante instrumento na constituição dos sujeitos. No entanto, esse mesmo autor defende a idéia de que só é possível uma prática educativa dialógica por parte dos educadores, se estes acreditarem no diálogo como um fenômeno humano capaz de mobilizar o refletir e o agir dos homens e mulheres. E para compreender melhor essa prática dialógica, Freire acrescenta que

[...], o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de idéias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 2005, p. 91).

Assim, quanto mais o professor compreender a dimensão do diálogo como postura necessária em suas aulas, maiores avanços estarão conquistando em relação aos alunos, pois desse modo, sentir-se-ão mais curiosos e mobilizados para transformarem a realidade. Quando o professor atua nessa perspectiva, ele não é

visto como um mero transmissor de conhecimentos, mas como um mediador, alguém capaz de articular as experiências dos alunos com o mundo, levando-os a refletir sobre seu entorno, assumindo um papel mais humanizador em sua prática docente.

Quando se imagina uma escola baseada no processo de interação, não se está pensando em um lugar onde cada um faz o que quer, mas num espaço de construção, de valorização e respeito, no qual todos se sintam mobilizados a pensarem em conjunto.

Na teoria de Vygotsky, (1984, p.54), percebe-se que como o aluno se constitui na relação com o outro, a escola é um local privilegiado em reunir grupos bem diferenciados a serem trabalhados. Essa realidade acaba contribuindo para que, no conjunto de tantas vozes, as singularidades de cada aluno sejam respeitadas. Para esse autor, a sala de aula é, sem dúvida, um dos espaços mais oportunos para a construção de ações partilhadas entre os sujeitos. A mediação é, portanto, um elo que se realiza numa interação constante no processo de ensino e aprendizagem. Pode-se dizer também que o ato de educar é nutrido pelas relações estabelecidas entre professor e aluno.

1.3 A Afetividade nas relações pedagógicas

Entende-se que cada ser humano, ao longo de sua existência, constrói um modo de relacionar-se com o outro, baseado em suas vivências e experiências. Dessa forma, o comportamento diante do outro depende da natureza biológica, bem como da cultura que o constituiu enquanto sujeito. Nessa perspectiva, é de fundamental importância entender que a sala de aula é um espaço de convivências e relações heterogêneas em idéias, crenças e valores.

Os estudos de Wallon propõem algumas reflexões a respeito da constituição do adolescente. Tais reflexões fornecem pistas fundamentais aos professores que atuam com essa faixa etária. Segundo o autor, a juventude inicia-se com uma crise marcada por mudanças na estruturação da personalidade. É um momento no qual o adolescente volta-se para questões que estão mais diretamente ligadas ao seu lado pessoal, moral e existencial.

Na teoria de Henri Wallon, encontramos subsídios importantes no que diz respeito à dimensão afetiva do ser humano e como ela é significativa na construção da pessoa e do conhecimento. Para esse teórico, a afetividade e a inteligência são inseparáveis, uma vez que uma complementa a outra.

Nesse sentido, a afetividade torna-se um dos fatores preponderantes no processo de relacionamento do adolescente consigo mesmo e com os outros, contudo, isso ocorre a partir de um caráter cognitivo já estabelecido, ou seja, (ele consegue gerir uma exigência racional nas relações afetivas, na sala de aula não apenas como espaço de construção de conhecimentos, mas de convivência, de formação de seres humanos.

Normalmente é uma fase marcada por muitos questionamentos, fortes exigências, novas experiências e constantes preocupações. Diante de tantas alterações físicas e emocionais, muitas vezes não conseguindo conter ou canalizar tanta energia, iniciam-se os confrontos com pais, professores e até com colegas. E todas essas questões se refletem no processo de ensino e aprendizagem.

É necessário criar um ambiente mais estimulante e afetivo que possibilite a esse adolescente enxergar-se nesse processo. Por esse motivo, mediação do professor é uma contribuição que irá ajudar o aluno a dar sentido ao seu existir e ao seu pensar. É importante que se ressalte que, quando se fala em proporcionar uma relação professor e aluno baseada no afeto, de forma alguma, confunde-se aqui afeto com permissividade. Pelo contrário, a ação do professor deve impor limites e possibilidades aos alunos, fazendo com que estes percebam o professor como alguém que, além de lhe transmitir conhecimentos e preocupar-se com a apropriação dos mesmos, compromete-se com a ação que realiza, percebendo o aluno como um ser importante, dotado de idéias, sentimentos, emoções e expressões.

A qualidade afetiva da mediação do professor no processo ensino e aprendizagem devem visar identificar os aspectos que contribuem negativamente no processo de construção da relação que se estabelece entre o aprendiz e o objeto de estudo mencionado.

Assim, todo educador que deseja adequar sua prática pedagógica à teoria Walloniana deve buscar desenvolver atividades que envolvam os alunos de forma

integrada, ou seja, deve orientar sua prática para que desenvolva a expressividade, a emoção, a personalidade e o pensamento criativo.

Sobre a afetividade na escola, Freire salienta:

Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista. Nem tampouco jamais compreendi a prática educativa como uma experiência a que faltasse rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual (FREIRE, 1996, p. 146).

Isso vem reforçar a idéia de que os professores, quando buscam aprofundar seus conhecimentos sobre a importância da afetividade na escola, estão, na verdade, procurando entender tanto de seres humanos, quanto de conteúdos e técnicas educativas. Desta forma faz-se necessário salientar mais uma vez o diálogo como um instrumento importante nessas relações.

1.4 Ensino e aprendizagem: Como entender esse processo?

Ensino e a aprendizagem são termos indissociáveis na construção do conhecimento. Não se pode compreender a importância do primeiro, sem reconhecer o significado a que o segundo nos remete nessa construção.

Esses conceitos sofreram várias transformações no decorrer da história de produção de conhecimento pelo homem. Nesse sentido, o processo ensino e aprendizagem tem sido caracterizado de diferentes formas, ora procura dar ênfase à figura do professor como detentor do saber, responsável pela transmissão do conhecimento, ora vem destacar o papel do aluno como sujeito aprendiz, construtor de seu conhecimento. Dessa forma, educar deixará de ser entendido como um ato da fala enquanto alguém domina informações ditas como verdades, mas é na convivência, no respeito mútuo, nas interações que construímos critérios para a maior qualidade do conviver.

Os estudos e as pesquisas sobre o como se ensina e o como se aprende demonstram que hoje não existe uma forma única para compreender esse processo. Entretanto, nas últimas décadas, percebe-se uma crescente contribuição por parte das investigações realizadas na área da psicologia, as quais vêm propondo uma mudança significativa para as práticas escolares, visto que essas reflexões têm

provocado um deslocamento no eixo-pedagógico, mudando a valorização de como e quem ensina, para a preocupação de quem aprende e de como se aprende.

No entanto, para o professor entender melhor o contexto atual e refletir criticamente sobre suas ações, faz-se necessária uma breve retomada sobre as tendências pedagógicas que influenciaram e vêm influenciando o ensino e a aprendizagem ao longo da história educacional.

As tendências pedagógicas foram evoluindo e foram divididas em cinco abordagens, dentre as quais algumas colocaram como seu maior objetivo o refletir, o pensar e o fazer do professor.

A primeira abordagem a ser retomada é a “Tradicional”. Nessa teoria, o processo de ensino e aprendizagem era totalmente centrado no professor. Tinha como objetivo principal formar o aluno ideal, contudo não se levava em conta seus interesses. Para Mizukami (1986, p.12), nessa abordagem, quanto mais rígido o ambiente escolar, mais concentrado e voltado para a aprendizagem o aluno se mantinha. O professor era visto como mero repassador de conteúdo e o aluno como um ser passivo no processo. As habilidades desenvolvidas no aluno eram a memorização e a repetição.

Em seguida, vem a abordagem “Comportamentalista”. Teoria baseada no empirismo que vê o aluno como produto do meio. E o experimento é a base do conhecimento, que, segundo Skinner, estudioso dessa abordagem, o comportamento resulta de um condicionamento operante. A resposta esperada do aluno ocorre quando ela é estimulada por meio de reforços. O professor é aquele que planeja, organiza e controla os meios para atingir seus objetivos, os quais são estruturados em pequenos módulos, conhecidos como estudos programados.

A abordagem “Humanista” apresenta seu enfoque no aluno. Segundo Mizukami (1986), a ênfase dessa teoria ocorre por meio das relações interpessoais e do crescimento que delas resulta. Nessa teoria, a preocupação maior do professor deve ser a de dar assistência aos alunos, ele deve agir como um facilitador da aprendizagem. O conhecimento resulta das experiências do aluno, o qual é capaz de buscar por si só os conhecimentos.

A quarta abordagem é a “Cognitivista”. Segundo Mizukami (1986, p.59), essa abordagem percebe a aprendizagem de forma científica, como um produto do meio,

resultante dos fatores externos. Preocupa-se com as relações sociais sem deixar de privilegiar a capacidade do aluno em assimilar as informações. O professor, além de planejar os conteúdos, preocupa-se em trabalhá-los da melhor forma, adequando-os ao desenvolvimento dos alunos. Aqui o professor é visto como um coordenador e o aluno como um sujeito ativo em seu processo de aprendiz.

Na abordagem “Sócio-Cultural”, a relação professor e aluno ocorre de forma horizontal e não impositivamente. Isso significa que as relações autoritárias são abolidas dessa teoria. A ação pedagógica do professor e do aluno volta-se para uma prática histórica real. Segundo Freire (1975), o educador e o educando são sujeitos do processo educativo, ambos crescem juntos nessa perspectiva. O professor e o aluno trabalham procurando desmistificar a cultura dominante. Dessa forma, à medida que os alunos participam do processo de construção do conhecimento, mais críticas se tornarão suas consciências.

Com essa rápida retomada das principais teorias que contribuíram historicamente no processo de ensino e aprendizagem, é possível perceber que sempre houve uma preocupação, por parte da sociedade, em adequar as teorias às realidades de cada período histórico.

Na tentativa de romper com algumas práticas que ainda privilegiam o exercício da repetição e da memorização nas escolas, Gasparin (2005) busca fundamentar uma proposta, baseada também na teoria Histórico-Cultural de Vigotsky, a qual considera e privilegia os conhecimentos que os alunos já trazem de casa, bem como estimula a aquisição daqueles que os discentes precisam saber. Dentro dessa metodologia, o autor apresenta cinco passos, tendo início com a Prática Social Inicial. Nesse primeiro passo, o aluno precisa sentir-se estimulado e respeitado, só assim sentirá segurança em expressar o que sabe e o que deseja aprender. É o momento em que se iniciam as discussões sobre o conteúdo a ser trabalhado e construído.

A partir das colocações que vão sendo apresentadas pelos alunos, dos questionamentos realizados e das informações que recebem sobre o conteúdo que será trabalhado pelo professor, constrói-se o segundo passo, que é a Problematização. Esse é um dos momentos mais importantes, pois, dependendo do encaminhamento desse passo, os alunos manifestarão interesse ou não pelo que vai ser estudado. Na Problematização, escolher as perguntas mais importantes é

uma forma de garantir a participação ativa dos alunos no processo. É um momento de confronto entre os conhecimentos apresentados pelo professor e os trazidos pelos alunos. Quanto maiores e mais ricas as experiências apresentadas, melhores serão as análises entre teoria e prática.

A problematização é um dos momentos mais ricos do planejamento da aula, pois a partir desse passo se define o que realmente precisa ser estudado e aprofundado. Nesse momento, o aluno deve receber várias informações para que possa estabelecer relações com a sua realidade.

Em seguida, para que o aluno crie, recrie e incorpore o conteúdo que está sendo trabalhado em sua vida, é preciso sistematizá-lo, é o momento da Instrumentalização. Na instrumentalização, o professor, por meio de uma ação bastante mediada, irá junto com os alunos identificar os princípios práticos e teóricos do conteúdo estudado.

Num quarto momento, ocorre a Catarse, compreende-se que aqui o aluno é capaz de apresentar um posicionamento mais elaborado da Prática Social, integrando os conhecimentos que já conhecia com os científicos. Considera-se que esse é o momento de apropriação do conteúdo.

Para Gasparin (2005, p. 130), no momento da Catarse social é feita com base em necessidades criadas pelo homem. Nesse momento, esse conhecimento possui uma função explícita: a transformação social. Assim, o aluno vai percebendo que ele também é autor da história, visto que, de posse da compreensão do conhecimento, passa a entender melhor a sua realidade.

Num último momento, conhecido como Prática Social Final, o aluno finalmente vai colocar seus conhecimentos em prática. Pode-se dizer que o horizonte de expectativas dos alunos vai ser ampliado. A Prática Social Inicial vai ser agora alterada. E o aluno passa a perceber a realidade de forma diferente, entendendo melhor seu entorno, sendo capaz de reformulá-lo caso seja necessário. Nessa teoria, professor e aluno modificam-se.

Assim, o aluno vai percebendo que ele também é autor da história, visto que, de posse da compreensão do conhecimento, passa a entender melhor a sua realidade.

Vale apontar o desenvolvimento das competências onde o gestor se apresenta como um negociador de conflitos oferecendo um ambiente saudável aos diversos níveis de convivência e ainda neste capítulo serão tratadas as influências das mudanças organizacionais e suas respostas, a adaptação do que se pratica e oferece na instituição, em virtude do diretor, ser o grande articulador da Gestão Pedagógica e o primeiro responsável pelo seu sucesso, auxiliado, nessa tarefa, pelos apoios pedagógicos.

Além de o gestor educacional liderar uma gestão participativa e democrática na relação com os professores e funcionários, mostrando-se positivo e confiante no desenvolvimento dos trabalhos, atuando como mediador, compartilhando suas idéias sabendo ouvir, sendo aberto e flexível à contribuição de todos para que os profissionais da escola se sintam valorizados, reconhecidos e motivados para que a escola atinja um processo de ensino e aprendizagem de sucesso.

Como metodologia, optou-se pela pesquisa qualitativa, feito um estudo de caso, na escola denominada: Centro de Ensino Tiradentes em Palmas. Para coleta de dados, foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas, sendo os resultados da recolha analisada de forma descritiva e interpretativa.

Assim, acredita-se que esse estudo possibilitará maior reflexão sobre a problemática, sistematização de possíveis respostas às indagações latentes sobre a questão em pauta, contribuindo com o processo de ampliação do conhecimento à cerca do objeto de estudo, numa perspectiva de aprendizagem significativa e satisfatória.

2 - Gestão Educacional

2.1 Da sala de aula:

A escola pode ser considerada como um dos espaços essencialmente propícios, e talvez único, capaz de desenvolver e elevar o indivíduo intelectual e culturalmente dentro de uma sociedade. Entretanto, as relações estabelecidas no contexto escolar entre alunos e professores têm exigido bastante atenção e preocupação por parte daqueles que encaram a escola como espaço de construção e reconstrução mútua de saberes.

Nesse sentido, acredita-se que uma das tarefas das equipes pedagógicas de qualquer escola, é a criação de estratégias eficazes, no sentido de promover uma formação continuada, a qual possibilite uma relação pedagógica significativa e responsável entre professores e alunos, garantindo a todos a melhoria no processo ensino aprendizagem.

As relações interpessoais são o foco da gestão escolar. É preciso um espaço para refletir com os professores e os alunos sobre o tipo de relações que estão vivenciando dentro da escola. Se elas estão contribuindo para construção de uma escola democrática ou se estão sendo camufladas em nome de uma suposta autonomia da escola.

Compreender o conceito de gestão talvez seja uma condição básica para que possamos compreender a dinâmica que envolve todo o processo da democratização de escola.

A gestão escolar pressupõe coletividade e só poderemos trabalhar em conjunto se conseguirmos nos enxergar no outro quer seja em nossos alunos, em nossos colegas, nos funcionários da escola, nos pais dos alunos e na própria comunidade escolar. Para isso é necessário compreender como transcorrem estas relações com o outro num processo de ensino e aprendizagem. É a partir da relação com o outro, através do vínculo afetivo que, nos anos iniciais, a criança vai tendo acesso ao mundo simbólico e, assim, conquistando avanços significativos no âmbito cognitivo. Nesse sentido, para a criança, torna-se importante e fundamental o papel do vínculo afetivo, que vai ampliando-se, e a figura do professor surge com grande importância na relação de ensino e aprendizagem, na época escolar.

A questão da afetividade em sala de aula não se restringe apenas às relações entre professor e aluno. Dessa forma é possível afirmar que a afetividade está

presente em todos os momentos ou etapas do trabalho pedagógico desenvolvido pelo professor com o aluno. As condições de ensino, incluindo a relação professor e aluno, devem ser pensadas e desenvolvidas levando-se em conta a diversidade dos aspectos envolvidos no processo, ou seja, não se pode mais restringir a questão do processo ensino e aprendizagem apenas à dimensão cognitiva, dado que a afetividade também é parte integrante do processo.

A educação se constrói numa história de convivência, de forma que a maneira como vivemos caracteriza o modo como educamos. Assim, a aceitação do outro como legítimo na relação constitui uma garantia de que o outro irá aceitar-se a si mesmo, respeitar-se, aceitar e respeitar o outro.

Não é difícil educar-se para a auto-aceitação que leva à aceitação do outro. Basta que na interação o professor não negue, aceite e respeite o outro como legítimo na relação. Esse ajuste da relação não é dado a priori, mas é construído na reflexão das ações produzidas na relação.

Na sala de aula existem conflitos, porém nem sempre os professores os vêem como uma forma de melhorar as relações no ambiente escolar, os conflitos são vistos apenas de forma negativa. A gestão dos conflitos supõe uma mudança nas regras da sala de aula e a forma como essas são construídas. Os conflitos devem levar os professores a refletir sobre suas práticas educativas, o modo como organizam as atividades, estratégias e metodologia das aulas.

O professor será considerado bom gestor quando marca com clareza o seu início e é capaz de implementá-las ativamente de forma suave, sem provocar grandes rupturas, possibilitando que a ordem se estabeleça com brevidade. Portanto, a ordem na sala de aula exprime a função de gestão do ensino e, segundo este ponto de vista, materializa-se no contexto em que está a ocorrer, sendo fruto das interações decorrentes dos participantes e dos arranjos elaborados para os fins previstos, pelo que pode ser em última instância, considerada de natureza eminentemente social.

O papel do professor é de grande importância no contexto da sala de aula, pois cabe a este profissional assessorar os alunos em diversos campos, principalmente, no campo psicossocial devido à proximidade.

2.2 Da Coordenação pedagógica em relação ao trabalho do professor na sala de aula:

Muitos profissionais que exercem o cargo ou função de coordenador pedagógico ainda não têm total clareza da identidade e delimitação de sua competência na vida escolar. Tal indefinição acaba por favorecer situações de desvios no desenvolvimento do seu trabalho e a assunção de imagens construídas no interior da escola (*modelo* característico forjado em crenças institucionais e do senso comum) como pertinentes às suas atribuições, das quais o profissional deve dar conta. Desta forma ao coordenador pedagógico muitas vezes é solicitada a realização de qualquer tipo de atividade cujo responsável está impossibilitado de desenvolvê-la por sobrecarga, indisponibilidade ou pela ausência desse profissional na escola, assim, ele se torna um “faz tudo”. Fica sob sua responsabilidade realizar trabalhos burocráticos e de secretaria, substituir professores, aplicar provas para aliviar sobrecarga de horário, resolver problemas com pais e alunos.

Tendo a prática e o olhar de docente como referência, o coordenador enfrenta o desafio de construir seu novo perfil profissional e delimitar seu espaço de atuação. Sua contribuição para a melhoria da qualidade da escola e das condições de exercício profissional dos professores dependerá do sucesso alcançado nesta tarefa. Neste sentido, tomamos emprestadas as palavras de Fonseca (2001, 56) aplicando-as à necessidade do papel de um novo olhar do coordenador pedagógico na escola que deve ser orientado para:

- Resgatar a intencionalidade da ação possibilitando a (re) significação do trabalho - superar a crise de sentido;
- Ser um instrumento de transformação da realidade - resgatar a potência da coletividade; gerar esperança;
- Possibilitar um referencial de conjunto para a caminhada pedagógica -a glutinar pessoas em torno de uma causa comum;
- Gerar solidariedade, parceria;
- Ajudar a construir a unidade (não uniformidade); superando o caráter fragmentário das práticas em educação, a mera justaposição e possibilitando a continuidade da linha de trabalho na instituição;
- Propiciar a racionalização dos esforços e recursos (eficiência e eficácia), utilizados para atingir fins essenciais do processo educacional;

- Ser um canal de participação efetiva, superando as práticas autoritárias e/ou individualistas e ajudando a superar as imposições ou disputas de vontades individuais, na medida em que há um referencial construído e assumido coletivamente;
- Fortalecer o grupo para enfrentar conflitos, contradições e pressões, avançando na autonomia e na criatividade e distanciando-se dos modismos educacionais e colaborar na formação dos participantes.
- Aumentar o grau de realização e, portanto, de satisfação de trabalho.

Cabe ao coordenador pedagógico, juntamente com todos os outros educadores, exercer o “ofício de coordenar para educar” também aqui no sentido de possibilitar trocas e dinâmicas da própria essência da aprendizagem: aprender a aprender e junto com, essência do que se concebe como formação continuada de educadores. Não se trata de imaginar que cabe ao coordenador sozinho realizar tantas tarefas, mas de compreender que este, estando a serviço do grupo no encaminhamento dos objetivos de buscar a superação dos problemas diagnosticados, possa promover a dinâmica coletiva necessária para o diálogo.

Não existe uma receita pronta para trabalhar com todas essas diversidades, mas sugere-se uma proposta de trabalho centrada na ação-reflexão-ação que visa contribuir para a problematização das práticas pedagógicas tendo como recorrência:

- O conhecimento e a experiência pedagógica dos professores;
- O princípio da “construção coletiva”, sem mascarar as diferenças e tensões existentes entre todos aqueles que convivem na instituição, considerando que as situações vividas nela se inscrevem num tempo de longa duração bem como as histórias de vida de cada professor.
- Uma metodologia de trabalho que possibilite aos professores e aos coordenadores atuarem como protagonistas sujeitos ativos no processo de identificação, análise e reflexão dos problemas existentes na instituição e na elaboração de propostas para sua superação.

Nessa proposta metodológica de ação-reflexão-ação podemos identificar 3 grandes etapas:

- A) Compreensão da realidade da instituição;
- B) Análise das raízes dos problemas (compreendendo a realidade escolar);
- C) Elaboração e proposição de formas de intervenção de ação coletiva.

Certamente tais pistas, como pontos de partida, são significativas para o trabalho do coordenador pedagógico, porque envolvem a leitura de uma totalidade que prima pela contextualização de todos os elementos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, bem como das condições em que este se processa, levando também em conta as delimitações da função, mas ao mesmo tempo todas as contribuições que se fazem no cotidiano escolar.

2.3 -O processo de interação e de mediação do gestor escolar:

As habilidades de mediação do professor estão entre os pré-requisitos mais essenciais para que qualquer processo de ensino-aprendizagem produza um efeito significativo. Além dos múltiplos fatores que podem afetar o resultado do processo de aprendizagem, tais como, as várias habilidades e competências que compõem o potencial de aprendizagem do aluno, os pré-requisitos específicos implicados no conteúdo a ser adquirido ou as condições que tornam o ambiente favorável à aprendizagem, nós temos insistido em sublinhar o importante papel do professor que se interpõe entre um conjunto de conteúdos ou um know-how e o aprendiz, com o objetivo de promover a aprendizagem. Estamos, portanto falando do potencial de mediação do professor (Sasson, 2001).

E o gestor? Como anda o potencial de mediação do gestor?

As habilidades que são vistas como a qualidade essencial do professor na sua interação com seus alunos na sala de aula são igualmente relevantes para o gestor da instituição educacional nas suas relações com seus colaboradores. Uma vez que certas qualidades do mediador envolvido numa interação de aprendizagem são consideradas indispensáveis, não podemos ignorar que estas mesmas qualidades definem também a natureza e a efetividade da interação de um gestor com sua equipe. Neste sentido, apesar de certas diferenças básicas que se derivam da proximidade relativa de idade, status e função, a relação gestor-colaborador não deveria ser vista como essencialmente diferente da relação professor-aluno, pelo menos em termos do seu valor de mediação potencial e particularmente quando ambas relações implicam um processo de orientação-aprendizagem.

Ainda que o professor tenha sido formalmente capacitado para ensinar, a lacuna natural que existe entre teoria e práxis e as incongruências inevitáveis encontradas na aplicação de uma abordagem educacional numa sala de aula real geram muitas dúvidas que precisam ser tratadas pelo gestor. O gestor, inicialmente percebido como uma fonte de orientação e de inspiração deveria estar à altura das expectativas de seus colaboradores e servir como um farol que ilumina o caminho a seguir.

Grande parte da função do gestor educacional é freqüentemente percebida como função administrativa. O papel principal do gestor na escola é visto por muitos, incluindo desafortunadamente para um grande número de professores e algumas vezes pelos próprios gestores, como equivalente a administrar, organizar, dirigir e controlar. No melhor dos casos, é também percebido como um papel que inclui planejar, programar e supervisionar. Acredita-se firmemente que a essência da sua função deveria consistir em educar, capacitar, orientar e mediar. Ao invés de limitar-se principalmente a planejar programas de estudos, calendário das atividades escolares, supervisão do desempenho dos professores, o gestor eficiente deveria dedicar uma grande porção do seu tempo e esforço em interagir com sua equipe, dentro e fora de sala de aula, com a intenção de oferecer orientação e apoio, compartilhando meios didáticos eficazes e estratégias de mediação.

Para transcender a situação de aprendizagem numa abordagem mediada, o mediador precisa estar orientado para necessidades e objetivos que vão além da necessidade imediata que pode ter provocado a interação e deve, portanto prover o mediado com os meios necessários para generalizar sua experiência de aprendizagem, de tal forma que seja capaz de aplicar os elementos aprendidos em outros contextos em circunstâncias futuras. Em outras palavras, uma interação que acaba no momento em que uma situação problema está resolvida ou um mediador que se contenta com a satisfação da necessidade imediata não pode refletir a qualidade de transcendência numa experiência de aprendizagem mediada significativa.

Na sua interação com seus colaboradores, mesmo quando o propósito imediato é a solução de um problema prático, o gestor deveria, portanto dirigir sua

mediação para necessidades transcendentais e proporcionar à sua equipe insights que podem contribuir para a expansão do seu sistema de necessidade e seu crescimento pessoal, tornando-os pensadores autônomos e eficientes 'solucionadores' de problemas.

3 - Uma análise da gestão das relações pedagógicas desenvolvidas no campo empírico

Para alcançar os propósitos desejados na implementação do trabalho, o objeto de pesquisa e os objetivos estabelecidos no estudo, se inscreveram numa abordagem qualitativa, por compreendê-la como a classificação mais adequada ao tema investigado visto que não se considerou apenas a quantificação, mas a interpretação dos dados levantados.

Percebe-se que o ambiente escolar tem se constituído num espaço complexo e ao mesmo tempo instigante, no que diz respeito ao reconhecimento e à importância de como a temática em si é compreendida e encarada por todos os envolvidos, por isso a importância da gestão educacional nas práticas pedagógicas em razão de ser a essência de todo o trabalho que perpassa as ações pedagógicas na escola.

Organizou este trabalho de pesquisa, o qual acabou refletindo as grandes possibilidades e ao mesmo tempo as grandes limitações existentes no contexto escolar, pensando em desenvolver uma prática comprometida com a realidade de sala de aula, voltada para a orientação de um aprendizado que realmente fundamentasse uma nova construção social pautada na relação entre os sujeitos.

Constituiu num espaço de interação entre os professores, nesta pesquisa que fora bastante interessante, em que se aproveitou para a construção de interpretações, compreensões e propostas de alternativas relacionadas aos aspectos levantados no roteiro.

Pôde-se observar por parte dos professores em relação aos pontos abordados no roteiro certa facilidade de análise das situações apresentadas no documentário.

Os doze professores que participaram do primeiro encontro ressaltaram o distanciamento existente entre o currículo trabalhado pelos professores do documentário e as necessidades apresentadas pelos alunos. Destacaram como proposta para melhorar tal situação, a valorização, tanto no que diz respeito aos aspectos estruturais e físicos daquela escola, bem como aos investimentos na formação dos professores.

Visto que o principal objetivo do presente estudo é a relação professor e aluno e o processo ensino aprendizagem nas práticas pedagógicas. As questões

analisadas e as atividades propostas tiveram como intuito contribuir para que os professores refletissem sobre suas práticas e, ao mesmo tempo, exercessem ações inovadoras e criativas em seu dia-a-dia.

Com a pretensão de aproximar os professores da sua própria realidade, foi realizado um questionário com dez perguntas, todas relacionadas à prática pedagógica individual do professor. Nesse momento, o professor pôde pensar em sua ação educativa, percebendo-se como um investigador de seu fazer em sala de aula.

Em relação à primeira pergunta, a qual se referia ***aos principais desafios enfrentados em sala de aula***, foram consideradas as seguintes respostas:

- Desrespeito ao professor e aos colegas;
- Brincadeiras durante as aulas;
- Falta de material necessário para acompanhamento das aulas;
- Conversa e tumulto durante a aula;
- Falta de limites em casa acabam refletindo na escola;
- Falta de auto-estima dos alunos;
- Baixo nível de desempenho dos alunos;
- Preguiça;
- Indiferença;
- Falta de material pedagógico;
- Desinteresse dos alunos;
- Não cumprimento das atividades propostas.

Todos os itens apontados pelos professores devem ser levados em consideração, pois eles retratam o que acontece em muitas realidades. Entretanto, de acordo com os pressupostos teóricos apresentados no capítulo I deste trabalho, percebe-se que maioria dos aspectos abordados diz respeito à atuação discente.

Isso significa que os professores ainda apresentam certa resistência em falar de si, como se a maioria dos problemas enfrentados em sala de aula tivesse algo a ver somente com os alunos. Daí vem a necessidade de o professor refletir sobre sua prática, mas é preciso compreender que isso será uma consequência do processo de formação continuada, no qual ele precisa se sentir envolvido. Certamente,

usufruindo de estudos e teorias que ajudem o professor a pensar e a entender melhor o real sentido e significado do que faz, a relação que mantém com os alunos com que trabalha poderá ser melhorada.

Assim, uma boa gestão e organização da sala de aula são uma condição para que a aprendizagem possa ocorrer, dado que o envolvimento dos alunos no trabalho está relacionado com a forma como os professores gerem as estruturas da sala de aula, mais do que com a forma como lidam com comportamentos individuais (Doyle, 1986).

Quando indagados sobre **como procuram solucionar esses desafios**, os professores relataram as seguintes ações:

- Chamadas de atenção aos alunos;
- Solicitação da presença dos pais;
- Momentos de sensibilização;
- Leitura de textos que promovem a reflexão crítica dos alunos;
- Conversas com os alunos para explicar e orientar sobre a importância da escola na vida deles;
- Encaminhamento ao serviço pedagógico escolar para que os alunos sejam orientados.

As atitudes apresentadas pelos professores variaram, indicando níveis de compreensão e experiência pedagógica diferenciadas. Dessa forma, percebe-se nas ações de alguns docentes uma capacidade maior de colocarem-se como mediadores do processo ensino e aprendizagem. Estes acabaram colaborando com aqueles que ainda consideram que devam se manter muito afastados de seus alunos. A colaboração deu-se nos momentos de leitura e discussão do capítulo II, o qual trata da importância do processo de mediação e interação entre alunos e professores.

E um dos grandes desafios do professor para melhor gerir sua sala de aula é superar o ativismo desenfreado, que impede que professor e aluno reflitam sobre suas ações, e o verbalismo vazio e inócuo que não tem finalidade.

Então, compete ao professor não se acomodar diante dos problemas surgidos. Deve procurar formas de superar seus problemas para que crie condições de rever

sua atuação como profissional da educação e, principalmente, buscar formas de melhorar a situação.

O professor, no momento atual, deve ser alguém que não se considere acabado e pronto, mas sim alguém que busca permanentemente redescobrir novas formas de melhor gerenciar sua sala de aula.

No que se refere à questão **que mais inquieta o professor em sua prática docente**, todos foram unânimes em responder sobre a falta de interesse da juventude pela escola e a falta de perspectiva que estes têm em relação à vida futura.

Essa unanimidade na resposta dos professores aponta numa direção única, o professor necessita com urgência encontrar formas diferenciadas para trabalhar com os alunos, buscando encantá-los e envolvê-los nas atividades. Para tanto, será necessário que o professor realize constantemente a auto-avaliação de seu trabalho, pois essa é uma prática que auxilia o professor a descobrir as possíveis falhas, bem como as possibilidades de mudança. É certo que, se encontra alunos desmotivados em sua sala de aula, é com essa realidade que precisa trabalhar e não com a idealização de um espaço onde problemas não ocorram. O principal desafio para esse educador passará a ser a transformação da visão desses alunos que não vêem atratividades na escola.

Agora, para se conseguir executar uma gestão da sala de aula, eficiente e eficaz, é preciso que se crie um clima de relações entre professor e alunos capaz de favorecer as atividades de orientação, integração e assistência às atividades escolares.

O papel do professor é de grande importância no contexto da sala de aula, pois cabe a este profissional assessorar os alunos em diversos campos, principalmente, no campo psicossocial devido à proximidade.

Na questão, **que estratégias utilizam para manter os alunos interessados na aula**, as respostas variaram:

- Impondo limites para os alunos;
- Procurando trabalhar conteúdos do interesse de todos;
- Buscando variar os recursos utilizados na aula;

- Mantê-los sempre muito ocupados.

Nesse item é perceptível que alguns professores demonstram preocupação com a qualidade da aula, principalmente, no que se refere ao primeiro e ao último item apresentados. Se a escola é uma continuidade do que se vê na vida, é mais fácil que surja interesse por estar na escola e por aprender o que ela ensina. Por outro lado, se a escola se instala entre as paredes de um grande muro que a isola da realidade, estar na escola passa a ser uma simples obrigação e nada estimulante.

Por essas respostas, dá para perceber que os professores mostram interesse em melhorar a relação que mantêm com seus alunos, mas ainda se pode sentir um distanciamento buscado por alguns quando dizem que é interessante sempre manter os alunos ocupados, ou impor limites a eles.

É importante reconhecer que o professor e o aluno pode trabalhar lado a lado para superar as dificuldades e partilhar as ações para uma melhor integração.

Quando foram perguntados **se achavam importante dialogar com os alunos**, todos responderam que sim, afirmando que o diálogo é um rico instrumento para manter a sala de aula em harmonia.

Apesar de a resposta ser positiva em relação às abordagens apresentadas no capítulo II do trabalho, o processo de interação e de mediação na relação professor aluno precisa ser bem compreendido, bem como as implicações desses pressupostos no dia-a-dia da escola. Isso porque, nesses momentos, é que os professores colocam em prática todo o seu conhecimento a respeito de como percebem a afetividade e de como compreendem as transformações físicas e psicológicas pelas quais passam os alunos.

O professor como bom gestor da sala de aula, deve propor situações para o diálogo com os alunos, pois sem dúvida é a forma mais adequada para a resolução de conflitos.

Sobre a pergunta, **o que mais o incomoda na postura do aluno**, responderam:

- Desinteresse pela matéria;
- Conversas paralelas durante a aula;
- Apatia;

- Falta de respeito.

As respostas apresentadas nessa questão revelam a necessidade de os professores buscarem estratégias de trabalho que os ajudem a sair desses dilemas.

De acordo com o referencial teórico apresentado anteriormente, Freire aponta que professor e alunos são sujeitos desse processo. Como já fora comentado anteriormente, se é essa realidade que o professor encontra em sala de aula, é com ela que ele deve trabalhar e saber que tais problemas existem é o primeiro passo para buscar solucioná-los.

O que não podemos esquecer é que os conflitos fazem parte da convivência humana. Dessa forma, todos deveriam desenvolver competências para lidar com os conflitos no ambiente escolar.

A escola pode se tornar um espaço onde se construam regras justas, respeito mútuo, solidariedade só assim contribuirá para relações humanas de qualidade. Portanto, a organização, o currículo, a metodologia, as relações interpessoais precisam ser repensados e praticados com muita clareza e competência.

Para a questão ***de que forma procuram resolver os conflitos na classe*** surgiram as seguintes respostas:

- Dar um tempo para que todos os alunos fiquem quietos;
- Falar em tom baixo para que os alunos prestem atenção;
- Buscar ouvir os alunos;
- Impor limites aos alunos;
- Buscar um diálogo constante com os alunos, levando-os a um processo de reflexão.

Essas respostas mostram duas posturas bem distintas. As respostas 1, 2 e 4 revelam um professor que deseja que o conflito se resolva, sem que haja a sua interferência. Já as respostas 3 e 5 apresentam um professor mais comprometido com seu papel social. Um professor que busca se relacionar com seus alunos, transpondo a formalidade dos papéis ocupados por docentes e discentes. Essa última postura é a de alguém que avalia sua prática e busca melhorar a relação professor-aluno.

A escola deve ser um espaço onde possamos educar para o respeito mútuo, e os professores têm um importante papel na construção dessa caminhada. É

através do fortalecimento desses vínculos de afeto que professor e alunos podem ser protagonistas de uma nova sociedade: mais justa, solidária e acima de tudo mais humana.

Na questão, ***se sabiam o que os alunos esperam de suas aulas***, afirmaram que os alunos desejam que:

- A aula seja bem interessante;
- O conteúdo ajude-os a achar um bom emprego;
- O ensino garanta um futuro promissor;
- O professor proporcione uma boa educação.

Essas respostas apresentam dois fatos curiosos: a primeira resposta parece bem evasiva uma vez que o que é interessante para o aluno não é, necessariamente, interessante para o professor. Aliás, os interesses podem ser bem opostos. Assim, o professor pode ter planejado sua aula, pensando que em algo dos mais interessantes, mas pode não despertar o interesse dos principais envolvidos.

As demais respostas parecem traduzir um discurso de outrem. Elas revelam a voz da própria escola ou da família que tentam impor para os alunos a necessidade de se estar na escola.

Antes de ser um grande conhecedor de métodos, o professor deve ser um intelectual comprometido com o aspecto político da educação, mas, acima de tudo, um intelectual que tenha consciência da especificidade do seu trabalho, ou seja, ensinar. Para saber ensinar, é preciso ter domínio do conhecimento básico, e assim, com certeza, estará indo a direção a grandes mudanças.

A nona questão, relacionada sobre ***o que o professor considera mais em sua aula: se o que ele ensina ou o que seu aluno aprende***, a grande maioria dos professores considerou que as duas coisas são importantes, apenas alguns ressaltaram a importância de se acompanhar o processo de aprendizagem do aluno.

Como já se viu no segundo capítulo deste texto, no processo de aprendizagem humana, a interação social e a mediação do outro tem fundamental importância e é na escola que essa interação é imprescindível para que ocorra o sucesso no processo ensino aprendizagem. Segundo Freire, o diálogo é importante instrumento na constituição dos sujeitos. Mas é necessário que esse diálogo seja

compreendido pelo professor como inerente ao ser humano na sua constituição porque é a ele que cabe a mediação de todo o processo.

Desta forma para que haja uma boa convivência entre professor e aluno é necessário certa dose de humildade e um bom diálogo. Este é o primeiro passo para que seja possível iniciar qualquer processo de mudança, pois a confiança entre professor e aluno é primordial.

E finalmente a última questão relacionada **à forma como o professor incentiva seus alunos a participarem da aula**, surgiram as seguintes respostas:

- Variar a forma de trabalhar os conteúdos;
- A utilização de recursos, como a TV multimídia;
- Trabalhos em grupos;
- Partir do conhecimento que o aluno já domina;
- Diversificar a forma de avaliação.

Ao se fazer a análise dos dados apresentados nas respostas dos professores, pôde-se observar que muitas das considerações feitas por eles revelaram que a relação entre professores e alunos e o processo ensino-aprendizagem envolve muitos fatores, tornando-se uma tarefa bastante complexa e ao mesmo tempo desafiadora.

Conforme os itens citados nos questionamentos pôde-se observar que a maioria dos aspectos mencionados estava relacionada à relação professor e aluno.

Daí mais uma vez a importância de se ressaltar o papel importante do professor nesse processo visto que cabe a ele a responsabilidade de tomar algumas decisões para que ocorra realmente o processo ensino e aprendizagem. Sabe-se que o êxito de todo trabalho docente exige do professor uma abertura à compreensão e à reconstrução contínua da própria identidade profissional, só assim os educadores estarão instrumentalizados para saber qual a melhor decisão a ser tomada no cotidiano da aula.

Ao dar continuidade na análise desses estudos, percebe-se que todas as condições que se fazem necessárias para transformar o espaço escolar num ambiente acolhedor com princípios pedagógicos eficazes estão relacionadas com o

trabalho docente e com o gestor escolar que deve ser um líder pedagógico que apóia o estabelecimento nas prioridades, avaliando, participando na elaboração de programas de ensino e de programas de desenvolvimento e capacitação dos funcionários, incentivando a sua equipe a descobrir o que é necessário para dar um passo à frente, auxiliando os profissionais a melhor compreender a realidade educacional em que atuam, cooperando na solução de problemas pedagógicos, estimulando os docentes a debaterem em grupo, a refletirem sobre sua prática pedagógica e a experimentarem novas possibilidades, bem como enfatizando os resultados alcançados pelos alunos.

Ficou clara na fala de alguns professores participantes da pesquisa que, existe por parte deles, uma preocupação em exercer o papel docente de uma maneira séria e comprometida com o desenvolvimento dos alunos. Alguns dados são importantes nesse sentido, merecendo destaque, como a valorização do diálogo na sala de aula, a utilização de novas metodologias, e certa preocupação em partir do conhecimento prévio, bem como atender às necessidades apresentadas pelos alunos. Percebe-se implicitamente que alguns desses professores estão interessados em propiciar condições favoráveis de ensino e de aprendizagem, mas que, no entanto abordaram-se vários aspectos referentes à função do gestor, como o caráter burocrático no qual se encontra tão envolvido, a parte burocrática à qual são condicionadas, faltando-lhe, muitas vezes, tempo para cuidar da parte pedagógica, a colocação de sua função pedagógica em segundo plano, as relações de poder que se estabelecem, a sua importância como articulador pedagógico e mediador entre a escola e os segmentos da comunidade escolar e local, bem como a importância do exercício da liderança.

Observou-se que esse problema é tratado por muitos profissionais, além de estarmos conscientes de algumas dificuldades que tem a escola referente ao planejamento pedagógico, e tomando em conta que o pedagogo principal da escola é o gestor. Aonde a responsabilidade maior em conduzir todo este processo está voltada para sua pessoa.

O ato educativo não acontece somente numa mão, isto é, do professor que ensina para o aluno que aprende, também é resultante da ação entre ambos e, de

forma mais sistematizada da interação do professor com outros professores e pares, além do gestor escolar.

Acreditando que é possível superar a maioria desses conflitos e transformar a realidade da sala de aula no que diz respeito à relação professor e aluno e o processo ensino e aprendizagem, algumas propostas foram sugeridas para os professores colocarem em prática com seus alunos, bem como alguns apontamentos sobre o papel do gestor escolar, que deve assegurar que a escola realize sua missão: em ser um local de educação, entendida como elaboração do conhecimento, aquisição de habilidades e formação de valores. O gestor é o articulador/mediador entre escola e comunidade. Ele deve incentivar a participação, respeitando as pessoas e suas opiniões.

O gestor escolar tem de se conscientizar de que ele, sozinho, não pode administrar todos os problemas da escola. O caminho é a descentralização, isto é, o compartilhamento de responsabilidades com alunos, pais, professores e funcionários.

Considera-se que ser um gestor educacional vai muito além de um mero cargo ou uma profissão de grande responsabilidade. Ser gestor implica em ser autêntico, com visão, ser líder, pois o líder envolve a todos no trabalho, fazendo das suas ações um exemplo, cada membro de sua equipe, motivando para que todos os envolvidos acreditem no seu próprio valor pessoal e profissional para uma gestão com qualidade.

Os professores ressaltaram as influências dos bons mestres que tiveram em suas vidas, daí a escolha pela área de atuação. Descreveram um pouco sobre a paixão pelo objeto de estudo de cada área e a sua relevância para a sociedade, comentaram sobre a responsabilidade de sua profissão e os desafios enfrentados, reafirmaram o quanto é importante ouvir seus alunos e, finalmente, deixaram várias mensagens aos mesmos. Todas as mensagens estavam relacionadas ao futuro desses alunos, destacando a importância de se cultivar uma postura de atenção e dedicação diante daquilo que fazem.

4 - Considerações Finais

Após realizar uma comparação entre os dados levantados na pesquisa e os referenciais estudados, pode-se afirmar que por mais divergências ocorridas nos posicionamentos dos educadores e dos alunos, foi possível notar que existe uma preocupação de ambos os lados, em buscar caminhos cada vez mais de convivência na escola.

Toda pesquisa deve se considerar importante, e esta revelou apenas alguns aspectos delimitados pela temática, pois a relação professor e aluno com as relações pedagógicas, vai muito além das questões aqui analisadas, isso acontece principalmente, devido às constantes e aceleradas mudanças que ocorrem na sociedade e refletem no contexto escolar.

Mas vale a pena lembrar que o ponto de partida deste trabalho de pesquisa teve início com uma questão bastante relevante e que preocupa muito todas que fazem parte dos ambientes escolares: **a relação professor aluno e o processo ensino e aprendizagem nas relações pedagógicas**. O percurso traçado permitiu muitos apontamentos para possíveis caminhos que auxiliarão, não só a postura de quem vivencia a problemática, bem como daqueles que desejam iniciar uma trajetória.

Embora o tema apresente múltiplas faces, foram visíveis as mudanças a partir dos resultados obtidos e alguns pontos merecem destaque. Os professores sentiram-se estimulados e convidados a dar continuidade nos momentos de estudo e reflexão em conjunto.

Com a evolução da tecnologia e o avanço da ciência vêm-se exigindo cada vez mais da instituição escolar, e esses são os novos desafios a serem enfrentados por todos que dela fazem parte. Conseqüentemente, a maneira como são enfrentados os desafios trazem resultados marcados pelo desempenho de cada um e de todos na instituição, voltados por um único foco: o processo de ensino e aprendizagem e o sucesso dos alunos.

Agora os professores apresentam uma visão mais compreensiva e positiva desses sujeitos e uma postura diferenciada em relação às questões de afeto e cognição. A dimensão afetiva passou a ocupar lugar de destaque para muitos docentes.

É preciso considerar o fato de que o professor, quando se torna comprometido com o aluno e com uma educação de qualidade, fazendo do aluno alvo do processo ensino e aprendizagem, e cumprindo seu papel de orientador e facilitador do processo, legitima assim a teoria de uma facilitação da aprendizagem, através da interação entre sujeitos, ultrapassando, desse modo, a mera condição de ensinar.

Cabe ao gestor servir e liderar, compartilhar acertos e insucessos, ajudar, acolher, aceitar críticas e opiniões, criar ambiente que envolva prazerosamente toda a instituição e acima de tudo ter amor e vontade para fazer do seu trabalho não uma obrigação penosa, mas uma realização prazerosa voltada para a educação dos alunos, da sua equipe e da sua comunidade, valorizando sempre o conhecimento e a realização pessoal e coletiva de todos.

Para o educador, o ensinar deve ser uma arte, uma ciência e um conjunto de técnicas que são utilizadas para se alcançar um objetivo. Através de alguns subsídios, torna-se fácil conduzir o processo de aprender a raciocinar, a refletir e usar a própria criatividade. No momento em que o educador preocupa-se em educar com arte, torna-se comprometido com o aluno e com uma educação de qualidade, fazendo do aluno um alvo do processo ensino-aprendizagem e cumprindo seu papel de orientador no processo.

Desta forma, quando se tem um gestor com postura positiva em suas ações, isso normalmente contagia a equipe que se torna motivada, sem medo de mudanças, de desafios. O gestor, dessa maneira propicia a busca da satisfação pessoal pelo profissional que ali atua.

Uma liderança com negatividade acaba por reprimir a equipe, inibindo a participação e o envolvimento da mesma para as ações a serem atingidas, revelando, geralmente um líder autoritário, que amedronta sua equipe na busca de resultados.

O gestor escolar tem assim, uma árdua tarefa de buscar o equilíbrio entre os aspectos pedagógicos e administrativos, com a percepção que o primeiro constitui-se como essencial e deve privilegiar a qualidade, por interferir diretamente no resultado da formação dos alunos e o segundo deve dar condições necessárias para o desenvolvimento pedagógico.

5 -Referências bibliográficas

CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CANDAU, V. M. **Reinventar a Escola**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

CARVAJAL, G. **Tornar-se adolescente: a aventura de uma metamorfose**. São Paulo: Cortez, 1998.

CHARLOT, B. **Relação com o saber, Formação dos Professores e Globalização**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

DOYLE, W. (1986). Classroom Organization and Management. In Witrock, M. (ed.). Handbook of Research of Teaching. New York: Mc Millan, 1986.

FARIAS, Cristina Helena Bento Farias. **As relações interpessoais: um estudo sobre os conflitos e suas implicações nas práticas escolares dos professores dos anos iniciais**, IX Congresso Nacional de Educação-EDUCASRE,III Encontro – Sul Brasileiro de Psicopedagogia 26 a 29/2009 PUCPR.

FONSECA, J. P. **Projeto pedagógico: processo e produto na construção coletiva do sucesso escolar**. São Paulo-SP: Jornal da AP, Vol 2 nº 04 jul/dez/2007

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 19 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra,1989.

_____. **Medo e ousadia**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. **Pedagogia da autonomia**. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

_____. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALVÃO, I. **Uma concepção Dialética do desenvolvimento infantil**. Rio de Janeiro: Vozes,1995.

GASPARIN, J. L. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 3 ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

GUILLOT G. **O resgate da autoridade em educação**. Porto Alegre: Artmed. 2008.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública. A Pedagogia Crítica dos Conteúdos**. 11ª ed. São Paulo, Edições Loyola, 1993.

MIZUKAMI, M da G. N. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.

PIMENTA, S. G. (Org.) **Professor Reflexivo no Brasil**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico Crítica: Primeiras aproximações**. 6. ed. São Paulo: Autores Associados, 1997.

SASSON, D. (2001). Los componentes del proceso holístico del aprendizaje mediado. In C. F. Albornoz & P. Cesca (Eds.), 10 Congreso latinoamericano de aprendizaje mediado. (pp. 17-63). Buenos Aires: Stella.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1995.

DENCKER, A. de F. M.; DA VIÁ, S. C. **Pesquisa empírica em ciências humanas: com ênfase em comunicação**. São Paulo: Futura, 2001.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 19 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 26.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

LAKATOS, E.; MARCONI, M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2001.

MORAN, J. **A afetividade e a auto-estima na relação pedagógica**.

<http://www.eca.usp.br/prof/moran/bases.htm>

PIMENTA, S. G. (Org.) **Professor Reflexivo no Brasil** . 3 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico Crítica: Primeiras aproximações**. 6. ed. São Paulo: Autores Associados, 1997.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Bases teórico-metodológicas da pesquisa qualitativa em ciências sociais**. Cadernos de Pesquisa Ritter dos Reis. v. 4. Porto Alegre: Faculdades Integradas Ritter dos Reis, 2001.

ANEXO**QUESTIONÁRIO****APLICADO AOS PROFESSORES DO CENTRO EDUCACIONAL TIRADENTES DE PALMAS-TO****NOME:**.....**DISCIPLINA(S) QUE LECIONA:**.....**PERIODO/ANO**.....**DATA:**.....

1. Quais principais desafios enfrentados em sala de aula?
2. Como procuram solucionar esses desafios?
3. O que mais inquieta o professor em sua prática docente?
4. Que estratégias utilizam para manter os alunos interessados na aula?
5. Se achavam importante dialogar com os alunos?
6. O que mais o incomoda na postura do aluno?
7. De que forma procuram resolver os conflitos na classe?
8. Se sabiam o que os alunos esperam de suas aulas?
9. O que o professor considera mais em sua aula: se o que ele ensina ou o que seu aluno aprende?
10. A forma como o professor incentiva seus alunos a participarem da aula?